

BOLSAS	BOVESPA	A-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na terça (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na terça	Terça-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$) na terça	Na BM&F, o grama (em R\$)	Prefixado, 30 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
-2,55 São Paulo	37.850 36.682	US\$ 1,0815 (▼ 1,41%)	21/março 2,17 22/março 2,15 23/março 2,16 24/março 2,15 27/março 2,17	2,770 (▲ 0,06%)	R\$ 40,200 (▲ 0,50%)	16,21	Outubro/2005 0,75 Novembro/2005 0,55 Dezembro/2005 0,36 Janeiro/2006 0,59 Fevereiro/2006 0,41

NOVA GESTÃO

O Banco Central, instituição que define a taxa básica de juros do país, está, a partir de agora, ligado à Presidência da República e não ao Ministério da Fazenda. Lula reduz interferência de Mantega

Poder limitado

VICENTE NUNES E
 MARIANA MAZZA

DA EQUIPE DO CORREIO

Ciente das dificuldades que terá pela frente para convencer os investidores de que nada mudará na economia com a nomeação de Guido Mantega para o Ministério da Fazenda, o presidente Lula deu um claro recado ao mercado: daqui por diante, o Banco Central ficará ligado diretamente à Presidência da República. Ao adotar esse discurso Lula transferiu para o presidente do BC, Henrique Meirelles, o papel de fiador da política econômica, que até o início da semana estava sob a responsabilidade do então ministro Antonio Palocci. Lula não quer correr o risco de Mantega interferir nas discussões sobre os rumos das taxas de juros, o que pode minar a credibilidade conquistada até aqui. É com o bom desempenho da economia, num clima de tranquilidade dos mercados, que o presidente conta para vencer a dura batalha que travará nas eleições de outubro e se manter por mais quatro anos no Palácio do Planalto.

Para não ver sua estratégia ruir, Lula tomou a iniciativa de falar diretamente com Meirelles ontem. Ele temia que o presidente do BC seguisse o mesmo caminho de integrantes do Ministério da Fazenda, que pediram para sair tão logo foi anunciada a demissão de Palocci. Em uma breve e direta conversa, o presidente disse a Meirelles que contava com sua permanência no governo. Para que não houvesse ruídos, Lula garantiu que manterá a independência do Comitê de Política Monetária (Copom) e respeitá-la, como fez até agora, todas as decisões sobre juros, ainda que, algumas vezes, elas não contemplem seu desejo e não se encaixem em seus planos eleitorais. Lula também pediu e conseguiu de Meirelles a confirmação de que todos os integrantes da diretoria do BC permanecerão em seus cargos. Pelo menos nesse momento mais turbulento.

O combinado entre Lula e Meirelles é difundir a ideia de que a vinculação do BC à Presidência da República já vem de antes. Mais precisamente desde quando o presidente do BC ganhou status de ministro. "Todos os ministros estão diretamente ligados ao pre-

Cadu Gomes/CB *Economia - Brasil*



GUIDO MANTEGA, MINISTRO DA FAZENDA: "A DECISÃO SOBRE A PRESIDÊNCIA DO BC É DO PRESIDENTE LULA"

sidente. Com Meirelles não é diferente", disse um assessor muito próximo de Lula. Meirelles, por sinal, aproveitou a posse de Mantega para explicitar que não está subordinado ao ministro. Ao confirmar a conversa com o presidente, ele se referiu a Mantega como colega. "Já fomos colegas de traba-

lho no Conselho Monetário Nacional quando Mantega foi ministro de Planejamento e vamos ser colegas de novo", afirmou.

Escorregadela

Mantega também deu sinais de que absorveu a decisão de Lula. Em algumas das oportunidades

em que foi indagado sobre a permanência de Meirelles no BC, não titubeou. "A decisão sobre a presidência do Banco Central é de exclusividade do presidente Lula. Então, nada muda em relação ao BC com a minha entrada no Ministério da Fazenda", repetiu ao longo da terça-

feira. Ele também ressaltou que suas divergências com Meirelles são naturais. "Não há nenhum mal-estar entre nós. Pelo contrário. Temos relações muito cordiais, muito civilizadas, mesmo que, em alguns momentos, tenhamos pequenas divergências", assinalou.

Essas divergências se concentram, principalmente, na política monetária cuja credibilidade Lula quer preservar a qualquer custo. É aí que Mantega se atrapalha. Tanto à frente do Planejamento quanto como presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o novo ministro bateu duro no que ele classificou de excesso de conservadorismo. Pelas suas contas, a taxa básica de juros (Selic), que está em 16,50%, poderia ser pelo menos dois pontos percentuais menor. E continua pensando assim. "O Brasil tem de ter taxas de juros civilizadas, que permitam estimular a produção e o consumo", afirmou, já como comandante da Fazenda.

É esse tipo de escorregadela que mantém o mercado arreado. "É uma unanimidade no país que os juros poderiam ser mais baixos", ressaltou em entrevista. Ao se referir à diretoria do BC, alvo de críticas antigas, ele frisou: "O que manifestei é que houve excesso de zelo do Copom. Mas eles (os diretores do BC) já estão reparando, pois estamos na sexta queda consecutiva da taxa de juros. Se realmente houve excesso de zelo, agora eles estão na rota correta". E mais: "Não seria nenhum pecado mortal haver uma mudança de dosagem na queda da Selic. Isso, inclusive, é papel da autoridade monetária". Para Mantega, "a sintonia (entre a Fazenda e o BC) tem que ser em um patamar mais elevado, da política e não das metas".

Na avaliação do presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Márcio Cypriano, é importante que o governo mantenha a unidade na condução da política monetária, esteja o BC vinculado ao Ministério da Fazenda ou à Presidência da República. O mais importante, acredita ele, é que as taxas de juros continuem caindo sem que o país corra o risco de se deparar de novo com o fantasma da inflação. "A queda de juros vai continuar. E com responsabilidade. É isso que todos esperam", afirmou.